

CULTURA POPULAR BRASILEIRA E HABILIDADES MOTORAS INTEGRADAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ALICE CARMINATTI SCUSSIATTO¹;
TATIANA AFONSO DA COSTA²; MARCELO SILVA DA SILVA³

¹ Universidade Federal de Pelotas - alicecscussiatto@gmail.com

² EMEF Dr Mário Meneghetti – taticostaeducacaofisica@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – marcelosilva.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entre os grandes desafios ainda persistentes no campo da Educação, a questão da aprendizagem efetiva, da alfabetização e o desenvolvimento da cognição, talvez sejam, os temas que permanecem demandando atenção e energia dos educadores e gestores escolares, não distante deste contexto, pensando na Educação Física, poderíamos dizer o corpo e a corporeidade, seu desenvolvimento, suas aprendizagens e a alfabetização motora, são também nossos desafios no campo da escola.

Segundo a UNICEF, a taxa de não alfabetização no Brasil aumentou de 14% para 30% entre os anos de 2019 e 2023 (UNICEF, 2023). Esse dado alarmante evidencia um dos grandes desafios enfrentados no contexto escolar contemporâneo (CONTRERA & DANTAS, 2019). Embora a Educação Física e a alfabetização sejam, à primeira vista, áreas de atuação distintas — a primeira voltada ao desenvolvimento físico e motor, e a segunda centrada na leitura e na escrita —, pesquisas indicam conexões diretas entre essas esferas (Malcheski, 2021). Wallon (2015) já apontava que o ato de pensar e de expressar o pensamento está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento motor e cognitivo do sujeito.

Mesmo diante de desafios conceituais e da constante disputa por seu lugar nas diretrizes pedagógicas (Neira, 2011), a Educação Física na educação básica vem sendo reconhecida por seu papel ampliado, indo além da prática esportiva e contribuindo para o desenvolvimento global dos estudantes, incluindo aspectos motores, cognitivos, afetivos e socioculturais (Malcheski, 2021).

Atualmente como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tenho a oportunidade de acompanhar uma turma do quinto ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A escola está localizada no bairro Três Vendas, em Pelotas (Rio Grande do Sul), uma região de área periférica caracterizada, em grande parte, pela vulnerabilidade social. Foi possível observar que o perfil socioeconômico dos estudantes é majoritariamente de famílias de baixa renda, o que se reflete em demandas pedagógicas e sociais específicas (FERNANDES, 2023). Muitos alunos enfrentam dificuldades relacionadas à vulnerabilidade social, como acesso limitado a recursos culturais, tecnológicos e de apoio familiar no processo de aprendizagem. Um dos aspectos impactantes foi de que diversas crianças da turma, mesmo com idades entre 10 e 12 anos, ainda não estavam plenamente

alfabetizadas, apresentando dificuldades significativas em compreender orientações verbais e escritas.

Freire (1996) afirma que a educação integral diz respeito à integração entre corpo, cultura, linguagem e participação ativa dos estudantes, abordando o processo educacional como um ato de amor e coragem e que deve a análise da realidade e discussões constantes sobre as propostas pedagógicas, sem temer estes processos.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo apresentar um dos planos de aula, acompanhado de seu registro de aplicabilidade, estruturado com base em jogos que visam o desenvolvimento de habilidades motoras específicas. A proposta pedagógica fundamenta-se em temáticas culturais de diferentes regiões do Brasil, buscando promover a participação ativa dos estudantes por meio de vivências corporais. Ao estimular a escuta, o raciocínio lógico e a expressão oral. Essa abordagem propicia uma articulação entre corpo, cultura e linguagem, inserida em uma perspectiva educativa de caráter multidisciplinar.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A sensibilidade com o mundo e com as crianças transforma o ambiente educacional em um espaço de mudança social — e também em um campo fértil para transformar realidades individuais (FREIRE,1996). A partir da vivência como futura docente, percebi que nem todos os indivíduos da mesma idade e contexto social apresentam o mesmo nível de habilidades motoras e cognitivas esperadas. Fica evidente a dificuldade de enquadrar todos os alunos em um plano de ensino padronizado. No entanto, isso não significa que, dentro da potencialidade de cada aluno, considerando suas preferências e histórias, não se possam desenvolver novas formas de pensar, agir e viver.

O papel do professor de Educação Física vai além do esporte e do ensino do movimento. Em contextos de vulnerabilidade social, as aulas raramente são apenas momentos de descontração. Elas precisam dialogar com a cultura e o diagnóstico inicial da turma. Pensando em alinhar os conhecimentos teóricos das disciplinas com a aprendizagem motora e o estímulo ao pensamento crítico, foi elaborado um plano de aula para alunos do quinto ano que integrasse essas variáveis e desenvolvido com base nos conteúdos da BNCC para o 5º ano. Propondo aulas temáticas com jogos populares das regiões do Brasil, em cada aula (ou conjunto de aulas), com foco em uma habilidade motora específica.

Em nossa primeira proposta foram desenvolvidas atividades que figurasse, de alguma maneira, na região nordeste do Brasil. Durante os primeiros quinze minutos da aula, foi realizada a chamada e na sequência iniciamos uma conversa com os alunos sobre o folclore regional, com ênfase na figura do Saci-Pererê.

A discussão sobre o folclore brasileiro foi conduzida com a metodologia dialógica, conceituada por Freire (2010) como uma ferramenta possível para unir as dimensões da ação e da reflexão do aluno. Dessa forma, a aprendizagem pode ser potencializada ao integrar essas duas esferas, compreendendo que o diálogo é um elemento humanizador e transformador da realidade. Ao invés de expor diretamente o conteúdo, foram provocados questionamentos sobre os conhecimentos prévios das crianças a respeito da lenda. Todos conheciam o Saci e contribuíram com o que sabiam, somando informações e chegando juntos a uma síntese. Ao final, perguntei: “Para quem o Saci pregava peças? Por que ele

era visto como bagunceiro?” Finalizei explicando que suas travessuras tinham a intenção de proteger o meio ambiente das pessoas que não cuidavam dele. Lançando a reflexão: “Na vida atual, vocês seriam o Saci... ou os intrusos nesse meio?”

Após essa dinâmica, seguimos para a quadra. Realizado o aquecimento, os alunos foram divididos em quatro fileiras e instruídos sobre o primeiro circuito: atravessar a quadra pulando com os dois pés e retornar pela lateral, evitando interferir na atividade dos demais.

Na segunda rodada, foram instruídos a imitarem os movimentos do Saci: pularam com uma perna só, alternando entre elas, encerrando essa primeira etapa.

Durante o intervalo entre as atividades, propus que cada fileira se organizasse como uma equipe e escolhesse um animal para representar o grupo, consolidando assim o nome da equipe de forma simbólica e colaborativa. Essa escolha coletiva reforçou o sentimento de pertencimento, incentivou a criatividade das crianças e contribuiu para a identidade de cada time ao longo das dinâmicas seguintes.

Por fim, foi proposto um revezamento em equipes, no qual os alunos competiam pulando com os dois pés juntos até o final do percurso e retornavam para passar a vez ao colega seguinte, fortalecendo a cooperação e o espírito de grupo.

Durante a atividade, dois alunos relataram conflitos em seus grupos. Pedi que aguardassem o término das atividades das outras equipes e, em seguida, que compartilhassem o ocorrido. Uma das situações envolveu o descumprimento de uma regra combinada (local de saída) e empurrões entre colegas para tentar vencer mais rapidamente. Posteriormente aos relatos foi conduzida uma conversa sobre o respeito ao espaço, tempo e dificuldades dos colegas, e reforçada a importância das regras para a convivência e aprendizagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é, antes de tudo, um espaço de relações humanas. Quando olhamos para a Educação Física com sensibilidade e escuta ativa, percebemos que ela vai muito além do movimento pelo movimento: trata-se de reconhecer a criança como sujeito social e singular. Inspirada por esse olhar, a vivência como bolsista do PIBID me permitiu compreender que ensinar é também um ato de cuidado, de diálogo e de construção conjunta.

Freire (1996) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A partir desse pensamento e da prática como Pibidiana, foi possível compreender que cada aluno traz consigo uma bagagem única, e que o ensino precisa acolher as diferenças motoras, cognitivas e sociais, principalmente em contextos de vulnerabilidade. Não há como aplicar um ensino padronizado quando os corpos e as experiências são tão diversos.

Nesse sentido, este relato apresenta a construção e a aplicação de um plano de aula desenvolvido para o quinto ano do Ensino Fundamental, com base na BNCC, integrando conteúdos culturais e motores por meio dos jogos populares brasileiros. A proposta teve como ponto de partida a escuta ativa dos alunos e a valorização da cultura das diferentes culturas do Brasil, especialmente da região

Nordeste, utilizando o folclore e neste caso a figura do Saci-Pererê como figura para reflexões e desenvolvimento das atividades práticas. A experiência evidenciou que a Educação Física pode configurar-se como um instrumento de estímulo ao pensamento crítico, à vivência de práticas culturais integradas ao currículo escolar e à construção do sentimento de pertencimento entre os estudantes. Por meio de jogos e brincadeiras, cria-se um espaço de aprendizagem significativa, em que corpo, cultura e conhecimento se articulam de forma sensível e interdisciplinar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTRERA, Marcelo Furlin; DANTAS, Renata de Oliveira. A escola e seus desafios na contemporaneidade. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 27, n. 102, p. 1–27, jan./mar. 2019. Disponível em: SciELO Brasil. Acesso em: 15 jul. 2025.

FERNANDES, Taynara Roberta; PASSADOR, Claudia Souza. Contexto socioeconômico e infraestrutura escolar no desempenho acadêmico: revisão sistemática da literatura. Revista de Gestão e Avaliação Educacional, Santa Maria, v. 12, n. 21, p. 1–27, 2023. Disponível em: UFSM. Acesso em: 15 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2015.

MALCHESKI, Raquel de Fátima Boza dos Santos. A educação física no processo de alfabetização de estudantes do primeiro ciclo do ensino fundamental. Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, v. 20, n. 3, p. 7–16, 2021. ISSN 1981-4313. Disponível em: Coleção Pesquisa em Educação Física. Acesso em: 15 jul. 2025.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. São Paulo: Cortez, 2018.

UNICEF. Pobreza multidimensional na infância e adolescência no Brasil. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/pobreza-multidimensional-na-infancia-diminui-mas-analfabetismo-aumenta-no-brasil>. Acesso em: 07 jun. 2025.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2015.